

*Nascentes***UTOPIA, DISTOPIA E BEHAVIORISMO:
O REINADO DA RAINHA DE COPAS E DA RAINHA VERMELHA***Isabella Pereira Marucci***Ramiro Girollo***

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo tomar como objeto de análise os livros *Alice no País das Maravilhas* e *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*, ambos escritos por Lewis Carroll. O objetivo é observar de que forma é construída a utopia e a distopia nessas duas obras, além de promover uma discussão sobre o *nonsense* como dispositivo narrativo. A proposta se deve à construção de sociedades (País das Maravilhas e Terra dos Espelhos) envolta no uso arbitrário e violento do poder pela Rainha de Copas e pela Rainha Vermelha, anulando a ideia de individualidade e liberdade. Alice é a figura que se sobrepõe ao todo negativo, trazendo por meio de seus questionamentos uma perspectiva de mudança, ainda que improvável. Para tanto, nos valem, centralmente, das considerações utópicas de Ernst Bloch (2006) e Thomas More (2017).

PALAVRAS-CHAVE: Alice; Behaviorismo; Distopia; Utopia.

Alice no País das Maravilhas e *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*, ambos escritos por Lewis Carroll, apresentam sociedades marcadas por traços de violência e exercício autoritário do poder pelas mãos da Rainha de Copas e da Rainha Vermelha. Alice, garota que caiu na toca de coelho e atravessou o espelho, depara-se com essas realidades, colocando em pauta o questionamento sobre sua estruturação ideológica. Nada pode ser dito ou contrariado, se o fizer terá sua cabeça cortada, as vozes e a individualidade são silenciadas.

As manifestações que podem causar anarquia e ameaçar a autoridade da Rainha também são severamente cortadas e proibidas. Eis um ponto da estrutura desses universos: tanto no País das Maravilhas como na Terra dos Espelhos é possível ver que estão em evidência o controle sobre o povo, as manifestações e as posições contrárias, percebidos através das

* Doutoranda em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Bolsista Fundect. Mestre em Estudos de Linguagens pela UFMS. Bolsista Fundect.

** Doutor em Literatura pela Universidade de São Paulo (Usp). Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

atitudes vorazes da majestade, indicando sua visão firme e negativa sobre tais comportamentos. A seu ver, são considerados como impróprios para uma sociedade tal, onde se busca a harmonia.

Pedro Braga (2015) pontua que questões concernentes à justiça, são ironizadas nas aventuras de Alice, a afirmação pode ser vista especialmente em um diálogo travado entre a Rainha Branca e Alice na Terra dos Espelhos, onde a primeira revela ter uma memória que funciona dos “dois lados”, tanto para frente como para trás, isto é, passado e futuro. Nesse sentido, a Rainha Branca é capaz de prever os acontecimentos futuros, entre eles, o fato de que o Mensageiro do Rei cometerá um crime:

“De que tipo de coisas você se lembra melhor?” Alice se atreveu a perguntar. “Oh, das que aconteceram daqui a duas semanas”, a Rainha respondeu num tom displicente. “Por exemplo, agora”, ela continuou, enrolando uma larga atadura no dedo enquanto falava, “há o Mensageiro do Rei. Está na prisão agora, sendo punido, e o julgamento não vai nem começar até quarta-feira que vem, e, é claro, o crime vem por último.” “E se ele nunca cometer o crime?” disse Alice. “Tanto melhor, não é?” a Rainha retrucou, prendendo a atadura em volta do dedo com um pedacinho de fita. Alice achou que isso era inegável. “Claro que seria muito melhor”, disse, “mas não seria muito melhor para ele ser punido.” “Nisso você está completamente errada”, disse a Rainha. “Já foi punida alguma vez?” “Só pelo que fiz de errado”, respondeu Alice. “E isso só lhe fez bem, eu sei!” disse a Rainha, triunfante. “Sim, mas eu tinha feito as coisas pelas quais fui punida”, disse Alice, “isso faz toda a diferença.” “Mas se não as tivesse feito”, continuou a Rainha, “teria sido melhor ainda; melhor e melhor e melhor!” Sua voz foi ficando mais aguda a cada “melhor”, até que por fim se transformou num guincho. Alice ia dizendo “Há alguma coisa errada...” (...) (CARROLL, 2013, p. 163 - 164).¹

Tendo em vista que a Rainha sabe que o Mensageiro irá cometer um crime, ela decidiu puni-lo antes que a transgressão seja de fato realizada. Alice não concorda com a forma de tratamento, pois como castigar alguém que não fez nada errado? O discurso da Rainha Branca mostra um posicionamento bastante similar com o da Rainha de Copas da primeira obra. O desejo por controle é marcado e a punição é fortemente valorizada como única forma de assegurar o bom comportamento do povo. No caso do Mensageiro do Rei, se ele

¹ Tradução de “*“What sort of things do you remember best?” Alice ventured to ask. “Oh, things that happened the week after next,” the Queen replied in a careless tone. “For instance, now,” she went on, sticking a large piece of plaster on her finger as she spoke, “there’s the King’s Messenger. He’s in prison now, being punished: and the trial doesn’t even begin till next Wednesday: and of course the crime comes last of all.” “Suppose he never commits the crime?” said Alice. “That would be all the better, wouldn’t it?” the Queen said, as she bound the plaster round her finger with a bit of ribbon. Alice felt there was no denying that. “Of course it would be all the better,” she said: “but it wouldn’t be all the better his being punished.” “You’re wrong there, at any rate,” said the Queen. “Were you ever punished?” “Only for faults,” said Alice. “And you were all the better for it, I know!” the Queen said triumphantly. “Yes, but then I had done the things I was punished for,” said Alice: “that makes all the difference.” “But if you hadn’t done them,” the Queen said, “that would have been better still; better, and better, and better!” Her voice went higher with each “better,” till it got quite to a squeak at last. Alice was just beginning to say “There’s a mistake somewhere—,”“(...)” (CARROLL, 2000, p.127)*

for prontamente punido antes mesmo de efetuar a possível infração, ele aprenderá a lição para que até mesmo nunca chegue a concretizar a visão da Rainha Branca.

Ainda que Alice tente argumentar contra a proposição, a Rainha faz uso da palavra “*better*” (traduzido como “melhor”) diversas vezes, parecendo ser sua única justificativa para apoio do governo: de que as coisas serão melhores assim. Ao final de sua fala, ainda há o destaque quando se repete a palavra três vezes (“melhor, melhor e melhor”), enfatizando a ideia de que é necessária a punição para que a sociedade se torne melhor. Assim, a medida soa como uma prevenção sobre os possíveis desvios de conduta em relação ao que é propagado pela Rainha. Sendo considerada uma boa alternativa castigar antes do ato para que o indivíduo saiba que não deve, de forma alguma, agir contra o reinado e se tornar alguém melhor.

A utopia se faz presente nesse discurso, pois fica clara a busca por uma civilização ideal em que os maus costumes não são efetivados, pois a população aprende o que é o melhor, por meio do castigo nesse contexto específico. O conceito de buscar e se tornar o melhor, relaciona-se também a premissa utópica de se constituir diferentemente das questões erradas e impróprias da sociedade, tornando-a perfeita. A problemática aparece justamente ao considerar os meios para alcançar a perfeição, o uso da autoridade excessiva para moldar o comportamento do outro à sua maneira.

A rebeldia e os castigos também se mostravam como uma preocupação na ilha de *Utopia* de More:

Previnem os crimes não só com castigos, mas também convidam à virtude por meio de honrarias; assim, erguem nas praças estátuas para os homens insígnies, que serviram nobremente à república, em memória de sua benemerência; e para que, ao mesmo tempo, a glória dos ancestrais estimule seus descendentes e os incite à virtude - embora àqueles que anseiam por alguma magistratura não seja dada esperança de a conseguirem. (MORE, 2017, p.159)

O controle comportamental seria tão explícito, que até mesmo é recompensado positiva ou negativamente, para que o povo possa adequar-se aos parâmetros desejados. No entanto, em ambas as obras de Carroll, a ênfase maior é dada ao comportamento inapropriado e sua correção por meio do castigo. Esse comportamento é posto em maior evidência, pois a punição é a morte, ou seja, não há margens para “erros” por parte dos indivíduos.

A essência do tema remete a uma formulação da área psicológica, a perspectiva behaviorista, pois podem ser encontradas semelhanças que permitem criar uma ponte entre as aventuras de Alice e o conceito, compreendendo melhor a construção ideológica utópica que se faz naquele lugar. A proposta, cunhada primeiramente pelo psicólogo John Watson, tem como foco o estudo comportamental de todo e qualquer indivíduo. Como o próprio nome indica: “Behaviorismo” vem da palavra inglesa “*behavior*”, traduzida como “comportamento”

para a língua portuguesa. Uma tradução outra, mais direta, para o conceito seria o “comportamentalismo”. Muitas são as abordagens que perpassam a área. Buscamos considerar alguns pontos objetivos e cruciais para a pesquisa.

Não havendo espaço para uma discussão maior que fuja da proposição deste trabalho, o ponto que nos interessa propriamente diz respeito à concepção de Burrhus Frederic Skinner, responsável por difundir o Behaviorismo e cooperar no seu estudo e conceituação.

Em linhas gerais, o Behaviorismo compromete-se a verificar o comportamento e suas relações com o ambiente, observando seus estímulos (positivos e negativos) e as respostas condicionadas a essas estimulações, isto é, o comportamento gerado pela consequência. Seria entender as reações de um ser quando posto em determinada situação, oferecendo-lhe subsídios positivos se atender ao esperado e negativos se não o alcançar, promovendo assim uma tentativa de prever e controlar o comportamento do indivíduo.

É relevante ressaltar que a premissa não considera as ações de um sujeito de forma isolada, mas sim, relacionadas às suas interações com o ambiente. Assim, considera-se o indivíduo como produto e também produtor das relações com diferentes espaços em que seja inserido. Skinner coloca que

o que denominamos comportamento evoluiu como um conjunto de funções aprofundando o intercâmbio entre organismo e ambiente. Em um mundo relativamente estável, o comportamento poderia ser parte do patrimônio genético de uma espécie assim como a digestão, a respiração ou qualquer outra função biológica. O envolvimento com o ambiente, contudo, impôs limitações. O comportamento funcionava apropriadamente apenas sob condições relativamente similares àquelas sob as quais fora selecionado. A reprodução sob uma ampla gama de condições tornou-se possível com a evolução de dois processos por meio dos quais organismos individuais adquiriam comportamentos apropriados a novos ambientes. Por meio do condicionamento respondente (pavloviano), respostas previamente preparadas pela seleção natural poderiam ficar sob o controle de novos estímulos. Por meio do condicionamento operante, novas respostas poderiam ser fortalecidas (“reforçadas”) por eventos que imediatamente as seguissem. (SKINNER, 2007, p. 129 e 130)

A visão de Skinner sobre o Behaviorismo e a concepção de condicionamento operante relacionam-se ao conceito de utopia no sentido de buscar o que seria melhor na cooperação mútua entre os indivíduos. Supõe-se que a previsão e conseqüentemente o possível controle sobre as ações do outro, auxiliaram na construção de melhores relações para o bom convívio, buscando a produtividade. Através desse método, há a capacidade de identificar as diferentes reações a variados contextos, além dos reforços positivos e negativos que vêm a moldar para alcançar o resultado esperado.

O desenvolvimento do controle ambiental sobre a musculatura vocal aumentou consideravelmente o auxílio que uma pessoa recebe de outras. Comportando-se

verbalmente, as pessoas podem cooperar de maneira mais eficiente em atividades comuns. Ao receberem conselhos, ao atentarem para avisos, ao seguirem instruções, e ao observarem regras, as pessoas podem se beneficiar do que outros já aprenderam. Práticas éticas são fortalecidas ao serem codificadas em leis, e técnicas especiais de autogoverno ético e intelectual são desenvolvidas e ensinadas. O autoconhecimento ou consciência emergem quando uma pessoa pergunta a outra questões como “O que você vai fazer?” ou “Por que você fez aquilo?”. (SKINNER, 2007, p.131)

Pensamento semelhante às atitudes das Rainhas (de Copas, Branca e Vermelha), que buscam, na imposição de suas ideologias, modelar os comportamentos dos demais habitantes do País das Maravilhas e dos Espelhos. Prova disso seria o grande estímulo negativo propiciado pela Rainha de Copas: a condenação de perder a cabeça. Dessa forma, a constituição estrutural dos ambientes parece simples, se desobedecerem às ordens e premissas do governo, serão punidos; se corresponderem ao esperado (não questionar e/ou enfrentar a autoridade da Rainha) terão como recompensa a “liberdade”, na forma de poupar suas vidas.

A importância dada às ações e seus significados para o andamento da sociedade pode ser vista no diálogo entre as Rainhas Vermelha e Branca e Alice, quando a menina dá uma resposta errada e busca corrigi-la, sendo interrompida pela majestade:

(...) “Qual é a causa do relâmpago?” “A causa do relâmpago”, Alice respondeu muito decidida, pois dessa vez se sentia totalmente segura, “é o trovão... não, não!” emendou-se rapidamente. “Quis dizer o contrário.” “É tarde demais para corrigir”, disse a Rainha Vermelha; “depois que se diz uma coisa, ela está dita, e você tem de arcar com as consequências.” (CARROLL, 2013, p.212)²

Outro ponto de semelhança com a proposta behaviorista de Skinner consiste no experimento realizado com ratos em uma caixa, a chamada “Caixa de Skinner”. A experiência consistia em colocar um rato em uma caixa fechada, sem alimento; no entanto, havia uma alavanca na caixa que, ao ser puxada, liberava a comida. Assim, esperava-se que o rato pudesse compreender a forma que devia agir para receber sua recompensa. Depois de realizar vários movimentos despropositados e aleatórios, ao acertar e puxar a alavanca, o animal perceberia que aquela ação específica é que lhe renderia o alimento.

Por meio dessa experimentação, a ideia conclusiva de Skinner seria que os comportamentos dos indivíduos poderiam ser condicionados às consequências, isto é, os estímulos de suas ações são dados através dos reforços positivos e negativos, que vêm a incentivar um comportamento específico.

² Tradução de “(...) *“What is the cause of lightning?” “The cause of lightning,” Alice said very decidedly, for she felt quite certain about this, “is the thunder—no, no!” she hastily corrected herself. “I meant the other way.” “It’s too late to correct it,” said the Red Queen: “when you’ve once said a thing, that fixes it, and you must take the consequences.”* (CARROLL, 2000, p.161)

O reforço positivo impulsiona determinado comportamento, enquanto que o reforço negativo reprime as ações indesejadas, por meio dos castigos e punições. Dessa maneira, seria possível um total controle sobre o agir do outro, por meio da apresentação das consequências que virão sobre cada ação.

Metaforicamente, a caixa de Skinner estaria presente em *Alice no País das Maravilhas* na primeira cena de sua aventura no universo surreal. Ao perseguir o Coelho Branco, a garota cai em sua toca e depara-se com uma sala cheia de portas. A personagem deve descobrir então as ações corretas para encontrar a saída:

Naquela sala o comportamento de Alice está sendo modelado (temos um exemplo de **modelagem**); Alice deve beber uma tal poção para diminuir de tamanho e conseguir passar pela porta e ter acesso à recompensa ("País das Maravilhas"), mas para isso ela precisa fazer numa sequência correta (**resolução de problemas**); ela deve comer o bolo, crescer, pegar a chave, segurá-la, beber a tal poção, diminuir e usar a chave para abrir a porta e receber sua recompensa (**reforço positivo**). (SHIMABUKURO, 2010, s/n.)

Dessa forma, as ações dos personagens habitantes do País das Maravilhas e da Terra dos Espelhos estão sendo modeladas por um ser superior, representado pelos papéis das Rainhas, moldando-os em prol de alcançar um resultado satisfatório e fazê-los entender que haverá consequências ruins para aqueles que se colocarem contra o proposto. Pode-se reconhecer então que o reforço positivo não é o ponto forte do governo daquela sociedade, mas sim o reforço negativo. A ênfase maior é dada às punições que o povo enfrenta se desobedece-las, enquanto as recompensas nunca são citadas.

Essa estrutura social acarreta na opressão dos indivíduos, que se veem condicionados a agirem de acordo com as consequências que virão, assim como proposto no Behaviorismo. Por meio da contradição existencial, pois aparenta-se ter escolha e liberdade, quando na verdade seu comportamento é modelado. O temor e medo real de não agirem como a Rainha espera e terem suas cabeças cortadas, impede que percebam de fato como todo o contexto utópico é problemático, tornando-se apenas submissos e reprimidos.

É ilusória a ideia de gratificação, como é o caso da regra expressa em *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*:

Alice despreendeu cuidadosamente a escova e fez o que podia para lhe ajeitar o cabelo. "Veja, está com uma aparência muito melhor agora!" disse após mudar a maior parte dos alfinetes de lugar. "Mas realmente devia ter uma criada de quarto!" "Eu contrataria você com prazer!" propôs a Rainha. "Dois pence por semana e geleia em dias alternados." Alice não pôde deixar de rir, enquanto dizia: "Não quero que me contrate... e não gosto muito de geleia." "É uma geleia muito boa", disse a Rainha. "Bem, de todo modo, não quero nenhuma hoje." "Mesmo que quisesse, não poderia ter", disse a Rainha. "A regra é: geleia amanhã e geleia ontem... mas nunca geleia hoje." "Isso só pode acabar levando às vezes a 'geleia hoje'", Alice objetou. "Não, não pode", disse a Rainha. "É geleia no outro dia:

hoje nunca é outro dia, entende?” “Não a entendo”, disse Alice. “É horrivelmente confuso!” “É isso que dá viver às avessas”, disse a Rainha com doçura: “sempre deixa a gente um pouco tonta no começo...” “Viver às avessas!” Alice repetiu em grande assombro. “Nunca ouvi falar de tal coisa!” “...mas há uma grande vantagem nisso: a nossa memória funciona nos dois sentidos.” (CARROLL, 2013, p.162 - 163) ³

Na teoria, a regra parece ser privilegiar Alice com o ganho da geleia, pois se estipula que ela a ganhará em dias alternados. No entanto, o discurso da Rainha Branca acaba por revelar que na prática a premissa não se sucede. A expressão inglesa “*every other day*” é tomada ao pé da letra em seu significado: “qualquer outro dia”, ao invés da conotação “dia sim e dia não”.

Dessa forma, a Rainha considera que o dia de hoje não é o mesmo que outro dia qualquer (temporalmente falando) e, portanto, nunca haverá geleia mesmo se o indivíduo desejar. É interessante notar que mesmo tendo consciência disso, a regra ainda existe e as Rainhas ainda a propagam. Uma prova da ilusão causada pela utopia, que se conserva no discurso, mas não pode ser materializada.

Conforme os pontos apresentados é criada nas duas obras de Carroll a expectativa de uma sociedade utópica, perfeita na sua organização e estruturação. Nela todos sabem o seu devido lugar e respeitam a autoridade das Rainhas vigentes, que são as responsáveis e detentoras do saber acerca do que é “certo” e “errado”. No entanto, diante das discussões, é notável que toda a organização ideológica dos ambientes causa uma opressão em grande nível na população, que vive sob um regime estritamente autoritário e repressivo. A perfeição buscada torna-se o verdadeiro caos, o que pode ser compreendido como distopia.

Daniel Derrel Santee, em sua dissertação de mestrado intitulada *Modern Utopia: a reading of Brave New World, Nineteen Eighty-Four, and Woman on the Edge of Time in the light of More's Utopia*, apresenta em determinado momento as diferenças essenciais entre utopia e distopia. Segundo o autor, uma sociedade utópica seria representada de maneira idealizada, um lugar perfeito; enquanto que uma civilização distópica apresentaria traços odiosos e repulsivos; Falando de um ponto de vista literário

³ Tradução de “*Alice carefully released the brush, and did her best to get the hair into order. "Come, you look rather better now!" she said, after altering most of the pins. "But really you should have a lady's-maid!" "I'm sure I'll take you with pleasure!" the Queen said. "Twopence a week, and jam every other day. Alice couldn't help laughing, as she said "I don't want you to hire me— and I don't care for jam." "It's very good jam," said the Queen. "Well, I don't want any to-day, at any rate." "You couldn't have it if you did want it," the Queen said. "The rule is, jam to-morrow and jam yesterday—but never jam to-day." "It must come sometimes to 'jam to-day,' " Alice objected. "No, it ca'n't," said the Queen. "It's jam every other day: to-day isn't any other day, you know." "I don't understand you," said Alice. "It's dreadfully confusing!" "That's the effect of living backwards," the Queen said kindly: "it always makes one a little giddy at first—" "Living backwards!" Alice repeated in great astonishment. "I never heard of such a thing!" "—but there's one great advantage in it, that one's memory works both ways." (CARROLL, 2000, p.126 - 127)*

(...) uma das principais diferenças entre a literatura utópica e distópica está na impressão do autor: se ele acredita estar descrevendo uma sociedade melhor, está criando utopia (...), se ele acredita estar descrevendo uma sociedade repulsiva, o que está criando é uma sociedade distópica. Nesse caso, ele força situações e aspectos repulsivos, para que não pareçam acidentais. Em ambos os casos a crítica da sociedade é a característica central. (SANTEE, 1988, p. 19)⁴

Embora vejamos que a utopia e distopia são definidas em contraposição, sendo, a primeira o perfeito e a última o imperfeito, nas narrativas de Alice o mesmo não pode se aplicar pelas vias dessa separação, pois as duas instâncias acontecem intrinsecamente interligadas. É a utopia propagada pela parte superior (Rainha), que acaba escondendo em suas práticas a violência e opressão distópica, que reverbera ainda na posição rebelde e questionadora de Alice, que constitui um dos quesitos essenciais para uma representação distópica: a resistência.

Andityas Soares de Moura Costa Matos coloca que

a distância entre a utopia e a distopia é pequena e pode ser apenas uma questão de opinião e de juízos de valor. G. Kaleb acentua que “o utopista inicia no amor e termina no terror” (*apud* MAFFEY, 2000, p.1288). Uma vez postas em ação, as utopias não podem ser controladas, e muitas vezes pretendem libertar ou tornar felizes os homens independentemente de suas próprias vontades. A missão de toda utopia é regenerar as pessoas, ainda que precise enfrentá-las e impor-lhes esse alto destino. Eis o caminho que imperceptivelmente nos leva da utopia ao seu gêmeo fantasmático, ao seu *doppelganger*: a distopia. (MATOS, 2017, p.230).

A consideração de Matos vai ao encontro da personalidade e atitudes das Rainhas viventes nas duas obras, especialmente a Rainha de Copas, pois suas ações são descritas de forma mais extrapolada em relação as Rainhas Vermelha e Branca. Nitidamente, a Rainha de Copas busca a qualquer custo impor sua vontade as pessoas que habitam o País das Maravilhas, ela não se importa com a visão do outro, mas antes apenas com a sua própria.

A opressão advinda de seu governo que limita o indivíduo e o obriga a agir de determinada forma indica a utopia que culmina na distopia. Simplesmente para a Rainha, suas ideias são totalmente utópicas, pois trarão o melhor para a sociedade. No entanto, aos olhos de Alice, que enxerga adiante da aparência, a intenção “positiva” da Rainha apenas traz o caos.

Dessa forma, Alice representa a resistência que, conforme mencionado anteriormente, caracteriza a narrativa distópica, pois traz aquele indivíduo que, movido pela insatisfação com as práticas sociais, busca criar um ato contrário, que venha a derrubar a ideia considerada

⁴ Tradução livre do trecho original: “(...) one of the main differences between utopian and dystopian literature lies in the author's impression: if he himself believes he is describing a better society, he is creating utopia. (...), if he believes he is describing a repulsive society, what he is creating is a dystopian society. In this case he forces situations and aspects to be repulsive, so they are by no means accidental. In both cases criticism of society is a central feature.”(SANTEE, 1988, p. 19).

“utópica” que está sendo propagada, pois percebe-se a problemática no agir superior que se vale da opressão, imposição e abuso da autoridade para buscar o caminho “correto”.

É importante ressaltar que Alice é um indivíduo que não pertence àquele espaço, ela veio de fora para adentrar ao País das Maravilhas. Anteriormente, encontrava-se no mundo real, ao lado de sua irmã no jardim. Entediada por não ter nada com o que se ocupar, a garota avista o Coelho Branco e decidindo segui-lo e aí que entra no universo do País das Maravilhas, através da queda na toca. Ou seja, ela é a única personagem do enredo que não estava lá desde o princípio; E ela chega em determinado momento, quando aquela sociedade já está em andamento, como uma espécie de intrusa.

Sendo Alice uma *outsider*, alguém que está de fora de determinado âmbito, que se encontra deslocado do todo, a complicação para lidar com o novo e diferente naquele mundo é duplicada. De fato, os personagens que cruzam seu caminho tendem a diminuí-la enquanto pessoa, por não fazer parte de seu grupo e ainda questioná-la quanto às suas práticas. Chapeleiro Maluco, Humpty Dumpty e os gêmeos Tweedledee e Tweedledum são os maiores exemplos.

O deslocamento enfrentado por Alice pode estar relacionado também ao onírico da narrativa. Segundo Freud, no tocante aos sonhos, há fortes influências do chamado recalque, que seria àquilo que se encontra no inconsciente, inalcançável pelo ser humano, mas que se manifesta nas imagens produzidas em seu sono. O recalque alude à desejos e traumas internos, e esses, por sua vez, induzem ao ato de deslocamento, que irá sobrepor, inverter e trocar os elementos de lugar. Algo típico do *nonsense* também.

Esses sonhos de conteúdo aflitivo podem ser vivenciados com indiferença ou acompanhados pela totalidade do afeto aflitivo que seu conteúdo de representações parece justificar, ou podem até levar ao desenvolvimento de angústia e ao despertar. A análise demonstra que também esses sonhos desprazerosos são realizações de desejo, tanto quanto os demais. Um desejo inconsciente e recalado, cuja realização o ego do sonhador não poderia deixar de vivenciar como aflitivo, aproveitou a oportunidade que lhe foi oferecida pela catexia persistente dos restos diurnos penosos da véspera; emprestou-lhes seu apoio e assim lhes facultou penetrarem num sonho. (FREUD, 1900, p.145)

Pode-se relacionar toda a angústia sofrida por Alice ao conceito de sonhos aflitivos que Freud coloca. Nunca alcança o que deseja, não consegue entender-se com ou outros, confronta as governantes e está sempre sozinha. A solidão de Alice é algo bastante marcado, de forma que o fato de estar sonhando poderia ser reflexos do recalque do inconsciente. Freud continua:

A satisfação pela realização do desejo recalado pode revelar-se tão grande a ponto de contrabalançar os sentimentos dolorosos ligados aos restos diurnos (...); nesse caso, o tom afetivo do sonho é indiferente, apesar de ele ser, por um lado,

a realização de um desejo e, por outro, a realização de um temor. Ou pode suceder que o ego adormecido tenha uma participação ainda maior na formação do sonho, reaja à satisfação do desejo recalcado com violenta indignação, e ainda ponha termo ao sonho com um surto de angústia. Assim, não há dificuldade em perceber que os sonhos desprazerosos e os sonhos de angústia são tão realização de desejos, no sentido de nossa teoria, quanto o são os sonhos puros de satisfação. (FREUD, 1900, p.146)

Assim como Freud cita que haveria alusões ao vivido durante o dia, os sonhos diurnos de acordo com Bloch nos permitem observar que a insatisfação e as angústias perpassadas por Alice iriam ao encontro da sua vontade esperançosa de mudança, de não permanecer no mesmo lugar, conformada.

Que os sonhos diurnos tornem-se ainda mais plenos, o que significa que eles se enriquecem justamente com o olhar sóbrio - não no sentido da obstinação, mas sim no de se tornar lúcido. Não no sentido do entendimento meramente contemplativo, que aceita as coisas como são e estão no momento, mas sim no da participação, que as aceita em seu movimento, portanto, também como podem ir melhor. (BLOCH, 2005, p.14)

Dessa forma, a visão de Alice estaria engendrada na perspectiva da esperança de mudar as coisas em detrimento da frustração em não conseguir essa mudança. Em seu caminho, o *nonsense* atua como um dispositivo capaz de deslocar e inverter os significados para criar novos significados, tal como o deslocamento sofrido por Alice e seu estranhamento diante do que lhe é diferente.

Antes de avistar o Coelho Branco, Alice encontrava-se entediada junto de sua irmã. Num estado de monotonia, sem a perspectiva de mudança, ou de satisfação. Bruna Brito aponta o momento como crucial para compreender o contexto social:

Alice estava sentada juntamente com sua irmã e que começava a enfadar-se por não ter nada (de interessante) para fazer. O enfado está presente no estado inicial de Alice. Convém refletir um pouco sobre o significado da palavra “enfado”. Segundo o Dicionário Aurélio, “enfado” possui dois sentidos: 1. impressão desagradável, mal-estar, incomodo; 2. zanga, aborrecimento. Por essa definição, pode-se dizer que Alice estava ou incomodada pela sua situação ou aborrecida por causa dela ou as duas coisas. (BRITO, 2016, p.5)

Desde o início, é perceptível o descontentamento de Alice com a situação que lhe é apresentada, buscando mudá-la e seguir em busca de algo diferente. Mais do que isso, a garota externa as angústias de uma nação que tenta esconder seus problemas, apelando para o uso autoritário do poder.

Ela percebe que há algo de errado e improdutivo no modo de agir social e não se cala diante desse contexto, como os demais o fariam. Seu destaque é causado nesse sentido, de

diferenciar-se em relação ao que é esperado e questionar tudo o que se sucede sem temer as consequências, uma característica essencial do considerado rebelde na distopia.

O papel de Alice age como um fator crucial na externalização desses problemas, uma vez que é a personagem que irá tentar confrontar o sistema. Seu primeiro encontro com a Rainha de Copas, se dá no momento já citado em que os jardineiros estão a pintar as rosas brancas de cor vermelha. Ao surpreendê-los no ensejo e perguntar o que se sucedia, Alice responde à Rainha:

“Como eu poderia saber?” disse Alice, surpresa com a própria coragem. “Isso não é da minha conta.” A Rainha ficou rubra de fúria, e depois de fuzilá-la com os olhos por um momento como uma fera selvagem gritou: “Cortem-lhe a cabeça! Cortem...” “Disparate!” disse Alice decidida, em alto e bom som, e a Rainha se calou. O Rei pôs a mão em seu ombro e disse timidamente: “Pense bem, minha cara; é apenas uma criança!” A Rainha se esquivou, enraivecida (...). (CARROLL, 2013, p. 65)⁵

A reação da Rainha ao confronto de Alice demonstra a estranheza de um comportamento não esperado. Geralmente, ao mandar que cortem a cabeça de alguém, o condenado reveste-se de medo e desespero, por vezes tentando fugir ou argumentar em seu favor. Alice agiu de forma abrupta, gritando de volta à afirmação da Rainha que lhe parece injusta. E a Rainha se mostra surpresa, além de extremamente irritada por ter sua autoridade contestada de forma evidente. Pois, até então, ninguém o havia feito, apenas agiam em favor da vontade da majestade. Assim, a menina representa essa tentativa de luta contra o autoritarismo, deixando a superior calada.

No discurso da Rainha Vermelha em diálogo com Alice, é notável o abuso da sua autoridade, colocando-se acima dos outros indivíduos. Ao encontrar-se perdida na floresta, a menina encontra a Rainha e indicando procurar seu caminho, a majestade insinua seu papel superior e absoluto, não dando espaço para que Alice se explique ou termine sua fala:

“De onde vem?” perguntou a Rainha Vermelha. “E para onde vai? Levante os olhos, fale direito e não fique girando os dedos o tempo todo.” Alice obedeceu a todas essas instruções e explicou, o melhor que pôde, que perdera seu caminho. “Não sei o que você quer dizer com seu caminho”, disse a Rainha; “todos os caminhos aqui pertencem a mim... mas afinal, por que veio até aqui?” acrescentou num tom mais afável. “Enquanto pensa no que dizer, faça reverências, poupa tempo.” Alice ficou um pouco surpresa com aquilo, mas estava fascinada demais pela Rainha para duvidar dela. “Vou tentar quando voltar para casa”, pensou, “da próxima vez que estiver atrasada para o jantar.” “Já está na hora de você

⁵ Tradução de “*“How should I know?” said Alice, surprised at her own courage. “It’s no business of mine.” The Queen turned crimson with fury, and, after glaring at her for a moment like a wild beast, began screaming “Off with her head! Off with—” “Nonsense!” said Alice, very loudly and decidedly, and the Queen was silent. The King laid his hand upon her arm, and timidly said “Consider, my dear: she is only a child!” The Queen turned angrily away from him (...)*” (CARROLL, 2000, p.62)

responder”, disse a Rainha, olhando seu relógio; “abra um pouco mais a boca quando fala, e diga sempre ‘Vossa Majestade’.” (CARROLL, 2013, p. 131)⁶

A Rainha Vermelha levou a constatação de Alice sobre estar procurando seu caminho de forma literal. Por meio do pronome possessivo, a figura superior afirma que ela não pode estar a procurar um caminho próprio, pois todos os caminhos, isto é, toda a extensão daquela sociedade (a Terra dos Espelhos), lhe pertence. Dessa forma, ela procura demarcar o papel e lugar de cada um, estando acima de todos.

Também atentamos para a forma com que a Rainha Vermelha trata Alice, a todo o momento corrigindo sua postura e modo de agir, não deixando espaço para a garota de fato se expressar. E todas essas “correções” estão voltadas para a elevação da posição da Rainha, pois tratam de realizar reverências e utilizar o termo “majestade” para se dirigir à ela. Revelando assim a preocupação maior por parte do governo: a autoridade.

Pedro Braga considera o momento irônico porque critica justamente esse tipo de governo, o que é possível relacionar ao conceito de utopia também:

O texto é perpassado pela ironia e pela ridicularização de determinadas condutas que revelam certo tipo de sociedade fundada em forte hierarquia e num aparentemente gentil, mas fortemente repressor sistema educacional. aqui entendido não só no sentido formal, mas *lato sensu*, na transmissão de regras de conduta, “de boas maneiras”, das vênias e mesuras devidas à realeza sempre ridicularizadas pelo narrador. (BRAGA, 2015, p.42)

No artigo *Alice on Stage*, Lewis Carroll realiza algumas considerações sobre a criação da personalidade das Rainhas. Embora não seja o objetivo deste trabalho se pautar no pensamento do autor, de forma alguma tomando sua afirmação como uma chave interpretativa, a declaração se faz pertinente para pensar sobre a utopia e distopia que estão sendo reconhecidas no enredo.

Cada uma, é claro, tinha que preservar, através de todas as suas excentricidades, uma certa dignidade de rainha. Isso era essencial. E para traços distintos, em minha mente, imaginei a Rainha de Copas como uma espécie de encarnação da paixão ingovernável – uma fúria cega e sem rumo. A rainha vermelha deve ser fria e calma; ela deve ser formal e rigorosa, mas ainda não desagradável; pedante ao décimo grau, a essência concentrada de todos os governantes! (CARROLL, 1887, n.p.)⁷

⁶ Tradução de ““Where do you come from?” said the Red Queen. “And where are you going? Look up, speak nicely, and don’t twiddle your fingers all the time.” Alice attended to all these directions, and explained, as well as she could, that she had lost her way. “I don’t know what you mean by your way,” said the Queen: “all the ways about here belong to me— but why did you come out here at all?” she added in a kinder tone. “Curtsey while you’re thinking what to say. It saves time.” Alice wondered a little at this, but she was too much in awe of the Queen to disbelieve it. “I’ll try it when I go home,” she thought to herself, “the next time I’m a little late for dinner.” “It’s time for you to answer now,” the Queen said, looking at her watch: “open your mouth a little wider when you speak, and always say ‘your Majesty.’ ”” (CARROLL, 2000, p.106)

⁷ Tradução livre do trecho original: “Each, of course, had to preserve, through all her eccentricities, a certain queenly dignity. That was essential. And for distinguishing traits, I pictured to myself the Queen of Hearts as a sort of embodiment of ungovernable

É de extrema relevância pontuar, uma vez mais, o comportamento de Alice, mesmo diante de toda essa estrutura social opressora e apagada pela aparência utópica. Alice não se deixa ser colocada no papel passivo, ao contrário, em todos os momentos citados, tais como os diálogos nos encontros com as Rainhas, a garota questiona e discorda das proposições. Ainda que em um primeiro momento a Rainha tente lhe intimidar, a garota não recua. Como é o caso mencionado da conversa com a Rainha Vermelha, onde a princípio Alice não ousava discordar pelo tamanho encantamento diante da Majestade. Mas logo na primeira oportunidade, a personagem externou seus questionamentos, demonstrando-se satisfeita pelo feito:

“Só queria ver como era o jardim, Vossa Majestade...” “Está bem”, disse a Rainha, dando-lhe tapinhas na cabeça, do que Alice não gostou nada, “se bem que, quando você diz ‘jardim’... já vi jardins que fariam este parecer um matagal.” Alice não se atreveu a contestar e continuou: “...e pensei em tentar chegar até o alto daquele morro...” “Quando você diz ‘morro’”, a Rainha interrompeu, “eu poderia lhe mostrar morros que a fariam chamar esse de vale.” “Não, não fariam”, disse Alice, surpresa por finalmente tê-la contestado: “um morro não pode ser um vale. (...)” (CARROLL, 2013, p.131 - 132)⁸

Diante das questões apresentadas e do posicionamento opressivo das Rainhas de um lado e resistente de Alice de outro, vemos que o principal problema no País das Maravilhas e na Terra dos Espelhos é a falta de liberdade. O constante silenciamento dos indivíduos, modelando seu modo de agir e pensar, além das instruções claras para não se oporem ao sistema, tudo isso voltado para um bem maior à sociedade, é um dos fatores primordiais que constitui a distopia.

O papel do direito nas distopias é sempre marcante, apresentando-se como ordenamento eminentemente técnico cuja única função consiste em garantir a perpetuação da dominação social. Ocioso acrescentar que as sociedades distópicas se caracterizam pela inexistência de direitos e garantias fundamentais, sendo altamente autoritárias, quando não totalitárias. A principal vítima sacrificada no altar dos (ainda?) fictícios Estados distópicos é a liberdade. (MATOS, 2017, p.229)

A distopia se revela no discurso pretensamente utópico pela característica por demais organizadora. Ao contrário do pensamento de que as sociedades distópicas se valem apenas do caos, é na verdade a ordem excessiva que configura esse caos. Pois o Estado opressor irá

passion—a blind and aimless Fury. The Red Queen must be cold and calm; she must be formal and strict, yet not unkindly; pedantic to the tenth degree, the concentrated essence of all governesses!” (CARROLL, 1887, sp).

⁸ Tradução de “I only wanted to see what the garden was like, your Majesty—” “That’s right,” said the Queen, patting her on the head, which Alice didn’t like at all: “though, when you say ‘garden’—I’ve seen gardens, compared with which this would be a wilderness.” Alice didn’t dare to argue the point, but went on: “—and I thought I’d try and find my way to the top of that hill—” “When you say ‘hill,’” the Queen interrupted, “I could show you hills, in comparison with which you’d call that a valley.” “No, I shouldn’t,” said Alice, surprised into contradicting her at last: “a hill ca’n’t be a valley, you know. (...)” (CARROLL, 2000, p.106)

utilizar qualquer meio possível para alcançar a perfeição desejada, mesmo que tenha que oprimir e acabar com a liberdade do outro. É relevante ressaltar também que, muitas vezes, não julgam que esse meio é de fato autoritário, mas sim, necessário.

A falta de liberdade e a manutenção do controle sobre o povo resultam em alguns problemas, entre eles o fato dos habitantes de tal sociedade viverem não apenas sempre tendo medo de perder a vida, mas também sempre com o sentimento de culpa pelo medo de contrariar as regras impostas, sem qualquer direito à liberdade. Dessa forma, mesmo com o temor do castigo, alguns podem se considerar merecedores da repreensão.

Porém, os utopienses são mais duros com seus próprios compatriotas, e consideram que merecem maior castigo, porque, tendo sido instruídos tão egregiamente para a virtude, sob tão preclara educação, ainda assim não puderam se afastar do crime. (MORE, 2017, p.151)

Outro problema advindo da distopia, pautada na falta de liberdade, é a despersonalização. Uma vez que os indivíduos são sempre ensinados a agir e a falar de uma forma específica e não possuem o livre arbítrio para a tomada de suas decisões, muitas vezes encontram-se tratados como uma grande massa única, onde não são diferenciados de forma individual, pois não possuem voz e nem direitos naquele contexto. Voltando à cena dos jardineiros pintando as rosas brancas, antes da Rainha encontrá-los, estavam a conversar, e vemos nesse momento que não possuem nomes, mas são identificados por números.

“Veja lá, Cinco! Pare de me salpicar todo de tinta desse jeito!” “Não pude evitar”, disse o Cinco, mal-humorado; “o Sete deu um safanão no meu cotovelo.” Ao que o Sete ergueu os olhos e ironizou: “Isso mesmo, Cinco! Jogue sempre a culpa nos outros!” “Era melhor você ficar calado!” devolveu o Cinco. “Ainda ontem ouvi a Rainha falar que você merecia ser decapitado!” “Por quê?” quis saber o que falara primeiro. “Não é da sua conta, Dois!” foi a resposta do Sete. “É sim, é da conta dele”, disse o Cinco, “e vou contar para ele... é porque levou bulbos de tulipa para a cozinha em vez de cebolas.” O Sete jogou seu pincel no chão e ia começando a dizer “Bem, de todas as injustiças...” (CARROLL, 2013, p.63)⁹

A identificação por números indica algo mecânico, desumanizando os personagens. Podemos considerar a questão como uma crítica ao tratamento que é realizado nas civilizações distópicas, uma vez que, no enredo, a possível explicação para a situação se deve ao fato

⁹ Tradução de ““Look out now, Five! Don't go splashing paint over me like that!” “I couldn't help it,” said Five, in a sulky tone. “Seven jogged my elbow.” On which Seven looked up and said “That's right, Five! Always lay the blame on others!” “You'd better not talk!” said Five. “I heard the Queen say only yesterday you deserved to be beheaded.” “What for?” said the one who had spoken first. “That's none of your business, Two!” said Seven. “Yes, it is his business!” said Five. “And I'll tell him—it was for bringing the cook tulip-roots instead of onions.” I Seven flung down his brush, and had just begun “Well, of all the unjust things—”” (CARROLL, 2000, p.60)

dos jardineiros serem cartas de baralhos, ou seja, objetos animados e reconhecidos de acordo com sua numeração (na carta).

No entanto, quando os personagens dizem que o Cinco deve calar-se pois sua condenação já está sendo providenciada, por conta da confusão na entrega dos alimentos na cozinha, a reação de Cinco, dizendo que essa seria a maior das injustiças, é que demonstra a insatisfação com a sociedade, ao mesmo tempo em que eles não possuem forças para lutar contra.

Nem mesmo a Rainha consegue identificá-los quando estão de costas, devido ao mesmo padrão de desenho que se vestem:

“E quem são esses?” quis saber a Rainha apontando os três jardineiros deitados em volta da roseira; pois, como estavam de bruços e tinham nas costas o mesmo padrão que o resto do baralho, ela não tinha como saber se eram jardineiros, soldados, cortesãos ou três dos seus próprios filhos. (CARROLL, 2013, p.65)¹⁰

Dessa maneira, é evidente que a busca pela perfeição nas obras de Carroll é bastante problemática. A utopia, em sua organização exagerada, sempre trará o caos e a distopia, tornando a sociedade opressora e inimaginável para se viver em harmonia. Os indivíduos são alienados e não possuem um modo de pensar próprio, a falta de liberdade os priva dos direitos básicos de uma nação, onde são considerados loucos. More enxergava também no discurso de Rafael sobre a ilha de Utopia, o quão equivocada tal construção pode ser:

Quando Rafael terminou de falar, embora tenham me vindo à mente não poucas coisas sobre os costumes e as leis daquele país tenham me parecido absurdas (...) uma vez que percebi que ele se encontrava cansado de falar, e como eu não sabia se ele poderia tolerar que eu contrariasse sua opinião, lembrando-me em especial daqueles que, em seu relato, foram por ele repreendidos, porque temem não serem considerados o suficiente inteligentes, a não ser quando encontram algo que possam criticar nas ideias alheias, após elogiar as instituições dos utopienses e a fala dele, tomando-lhe a mão o conduzi à ceia, dizendo que deveríamos ter outra ocasião para discutir com mais profundidade tais questões, e discuti-las em mais detalhes – o que tomara aconteça. (MORE, 2017, p.207)

Da mesma forma, o País das Maravilhas e a Terra dos Espelhos apresentam muito mais defeitos em suas concepções pretensamente perfeitas do que, de fato, os pontos positivos. Trata-se do paradoxo típico utópico, em que a perfeição não pode ser alcançada,

¹⁰ Tradução de “*“And who are these?” said the Queen, pointing to the three gardeners who were lying round the rose-tree; for, you see, as they were lying on their faces, and the pattern on their backs was the same as the rest of the pack, she could not tell whether they were gardeners, or soldiers, or courtiers, or three of her own children.*” (CARROLL, 2000, p.61)

havendo apenas a frustração odiosa dessa tentativa. Ainda que se tente manter as aparências, conforme Adorno explicita, a verdadeira essência mostra que

O País das Maravilhas não é tão maravilhoso assim: há forte e rígida hierarquia social, abuso de poder, um sistema educacional punitivo, hipocrisia, insensatez, ordens e mais ordens descabidas, ardis, comportamento desviante considerado como insanidade, a usurpação de um poder pelo outro, o altruísmo substituído pelo egoísmo, uma moral da história que é sempre buscada e jamais encontrada, porque a ética distanciou-se da sociedade, da economia e da política. (BRAGA, 2015, p.38)

Um olhar mais atento também denota que todas as complicações partem da estrutura governamental, o poder está centrado na mão da Rainha de Copas no País das Maravilhas e da Rainha Vermelha no Terra dos Espelhos, os demais personagens, mesmo os reis, são meros coadjuvantes na sociedade. São essas figuras que determinam o padrão a ser seguido e não desejam ser questionadas. Em suas visões, estão fazendo aquilo que é certo para o bem maior social, que seria construir aquela sociedade à sua maneira. Por isso a importância do papel de Alice, que é a personagem responsável por apontar os defeitos de todos os valores morais e sociais que são impostos, ainda que o resultado de desestruturar tal sistema seja inalcançável também.

UTOPIA, DYSTOPIA AND BEHAVIORISM: THE KINGDOM OF THE QUEEN OF HEARTS AND THE RED QUEEN

ABSTRACT: This article aims to analyze the books *Alice in Wonderland* and *Through the Looking Glass and what Alice found there*, both by Lewis Carroll. The objective is to observe the utopia and dystopia in these two literary works, besides promoting a brief discussion about nonsense, as a narrative device. The proposal is based on the construction of societies (Wonderland and Land of Mirrors) shrouded in the arbitrary and violent use of power by the Queen of Hearts and the Red Queen, nullifying the idea of individuality and freedom. Alice is the figure that overcomes the negative whole, bringing through her questions a perspective of change, albeit improbable. For this, we use, centrally, the utopian considerations of Ernst Bloch (2006) and Thomas More (2017).

KEYWORDS: Alice; Behaviorism; Dystopia; Utopia.

REFERÊNCIAS

- BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro. Editora Contraponto, 2006.
- BRAGA, Pedro. *A passagem secreta - Leitura política e filosófica de Alice no País das Maravilhas e através do espelho*. São Paulo: Chiado Editora, 2015.
- BRITO, B. P. *Alice no País das Maravilhas: uma crítica à Inglaterra vitoriana*. 1a. ed. Saarbrücken, Alemanha: NEA - Novas Edições Acadêmicas, 2016. 62p
- CARROLL, Lewis. *Alice on Stage: The Theatre*. 1987. Disponível em: <<http://www.alice-in-wonderland.net/resources/background/alice-on-the-stage/>> Acesso em abril de 2021.

_____. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro. Editora Zahar. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges, 2013.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos (Primeira parte)*. Rio de Janeiro. Editora Imago, 1900.

MATOS, Andityas Soares de Moura Costa. *Utopia: passado, presente e futuro de um não-lugar. Variações sobre um tema de Thomas More*. In: MORE, Thomas. *Utopia*. Edição Bilingue. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. Tradução Márcio Meirelles Gouvêa Júnior.

MORE, Thomas. *Utopia*. Edição Bilingue. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. Tradução Márcio Meirelles Gouvêa Júnior.

SANTEE, Daniel Derrel. *Modern Utopia: a reading of Brave New World, Nineteen Eighty-Four, and Woman on the Edge of Time in the light of More's Utopia*. Florianópolis, 1988. Dissertação (Mestrado em Letras), UFSC. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/75596/79334.pdf?sequence=1>> Acesso em 05/04/2021.

SHIMABUKURO, Fabiana Harumi. *Alice in wonderland – visão behaviorista*. Ensaio, 2010. Disponível em: <<http://www.fabishimabukuro.blogspot.com/2010/06/alice-in-wonderlandvisao-behaviorista.html>> Acesso em abril de 2021.

SKINNER, B.F. *Seleção por consequências*. In: Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, São Paulo, vol. IX, n. 1, 129-137, 2007.

Recebido em: 24/05/2021.

Aprovado em: 16/06/2021.